

Alemanha sugere ida aos bancos

Bonn — A República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) recomendou ao Brasil que inicie "o mais rápido possível negociações com os bancos comerciais, com vistas a um reescalonamento de sua dívida", segundo se informou em meios ligados ao governo de Bonn.

O ministro da Fazenda da Alemanha Ocidental, Gerhard Stoltenberg, recebeu Dilson Funaro e o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros, ontem à noite, em um jantar.

Antes de Funaro partir para Berlim, de onde seguiu viagem para Roma, um porta-voz do ministro da Fazenda do Brasil informou que "por enquanto, não há resultados concretos. Nós temos necessidade de mais cooperação e de mais solidariedade por parte dos credores". Segundo fontes alemãs, Stoltenberg comunicou a Funaro o interesse de seu país em manter boas relações econômicas com o Brasil e ressaltou que o acordo brasileiro com os bancos credores privados tem notável significado para as relações com as instituições internacionais e para os governos dos países industrializados ocidentais.

A Alemanha Ocidental, assim como outros países credores, está preocupada com a decisão do Brasil de congelar o pagamento dos juros de sua dívida externa por tempo indeterminado.

Os meios financeiros alemães mostraram-se divididos ontem, com a chegada a Bonn do ministro Dilson Funaro.

O presidente da Federação Alemã de Caixas Económicas, Helmut Geiger, declara-se favorável a uma "renegociação completa das condições dos créditos" concedidos aos países em desenvolvimento e, em especial, à Argentina e ao Brasil. "Os países endividados não podem reembolsar mais do que recebem pelas suas exportações. Para os credores é uma realidade amarga, mas indiscutível", afirmou.

No entanto, meios chegados às autoridades econômicas da Alemanha Ocidental disseram que é improvável que Bonn dê sua bênção à moratória do Brasil concedendo novos créditos.

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e o presidente do Banco Central, Francisco Gros, concluem hoje a visita de oito dias a seis países que abrigam os bancos aos quais o Brasil deve mais de dois terços da sua dívida externa global de US\$ 111 bilhões. Funaro e Gros retornam hoje à noite de Paris, enquanto o diretor para assuntos da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, permanece descansando, em fazenda próxima a São Paulo, até o final da semana. Há especulações de que Pádua Seixas

pretende pedir demissão do cargo.

O diretor da área externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, recebeu com naturalidade a fria recepção dada pelos ministros de Finanças e presidentes de bancos centrais dos Estados Unidos que detêm 35,3% da dívida brasileira a bancos comerciais internacionais; Inglaterra — 14,9%; França — 9,6%; Alemanha Ocidental — 5,7%; Suiça — 2,5%, e Itália — pouco menos de 1% da dívida bancária do Brasil.

Para completar o diálogo direto com os governos dos principais países credores, Funaro e Gros visitarão ainda este mês o Japão, detentor de 14,9% da dívida brasileira a bancos comerciais estrangeiros. Para o diretor da Área Externa do Banco Central, além de segundo maior credor do País, o Japão merece toda atenção por ter "simpatia maior" com a postura brasileira.

FRANÇA

Embora a França tenha manifestado compreensão do problema brasileiro em relação à sua dívida externa, o balanço global da visita do ministro brasileiro da Fazenda, Dilson Funaro, à Europa e aos Estados Unidos não é só positivo. Esta é a opinião da imprensa francesa, que comentou a breve visita do ministro brasileiro a Paris, encerrada anteontem.